

A CONSTRUÇÃO DO SER PROFISSIONAL NA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

THE CONSTRUCTION OF BEING PROFESSIONAL IN THE PATH OF TRAJETORY OF THE FORMATION

Entrevista com a professora **Geovânia da Silva Toscano**¹, exclusivamente, para a **Revista Inter-legere**

REVISTA INTER-LEGERE: Professora, em sua carreira acadêmica vê-se uma preocupação com a formação dos sujeitos e com a extensão universitária. Diante dessa constatação, como a senhora observa a formação dos sujeitos nas universidades articulada com a extensão universitária?

GEOVÂNIA TOSCANO: Para falar da relação formação de sujeitos e extensão universitária inicio com um relato sobre a minha graduação, no curso de Ciências Sociais, na UFRN, quando vivenciei os espaços formativos para além da sala de aula como fundamentais para que eu pudesse optar, ainda na graduação, por prosseguir na carreira acadêmica. Destaco aqui este momento por acreditar que, nos constituímos como sujeitos sociais na relação com os outros, e, portanto, se hoje sou e estou atuando como professora universitária, é porque uma rede de relações foram tecidas e construídas ao longo da minha história. E, esta me aproximou cotidianamente através das palavras e ações de diferentes pessoas e lugares. Como reafirma a canção “Caminhos do Coração”, do saudoso Gonzaga Júnior: “E aprendi que se depende sempre; de tanta, muita, diferente gente; Toda pessoa sempre é as marcas; Das lições diárias de outras tantas pessoas” [...]

¹ Possui graduação (1993), mestrado (1999) e doutorado (2006) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desde março de 2003 é lotada no Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). geotoscano@gmail.com

Durante toda a graduação na UFRN exercitei o diálogo com professores, funcionários e colegas estudantes do curso e de outras graduações na construção de saberes. No segundo ano de graduação, integrei o cenário do início dos anos 1990 do movimento estudantil na UFRN, como presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais; fui membro do colegiado na coordenação do curso; vivenciei experiências de aulas de campo e ali percebia a efetivação do diálogo teoria-prática. Minha inserção em pesquisa iniciou-se como bolsista voluntária e posteriormente bolsista efetiva de extensão no Museu Câmara Cascudo, no Projeto de Pesquisa e Extensão denominado “As manifestações históricas e culturais do Rio Grande do Norte,” envolvendo inicialmente os municípios de São Gonçalo do Amarante e Santo Antônio do Salto da Onça no Rio Grande do Norte, coordenado pela professora Ivanilda Costa, Antropóloga. A segunda experiência foi na pesquisa intitulada “A Qualidade do Ensino dos Cursos de Graduação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes”, coordenada pelos professores Spinelly Lindoso, Profa. Idalina Costa e Profa. Vânia de Vasconcelos Gico. Após a participação nestas pesquisas fui selecionada como bolsista no Programa Institucional de Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) na pesquisa “Levantamento das Fontes Primárias e Secundárias da História da Educação no Rio Grande do Norte, coordenada pelo Prof. José Willington Germano que construiu a parceria com o Grupo de História da Educação, da UNICAMP e formou com a Profa. Vânia Gico a Base de Pesquisa Educação e Sociedade. Após a conclusão do curso, em 1993, a minha missão continuaria na Base de Pesquisa que passou a ser denominada Cultura, Política e Educação, com a inserção dos professores pesquisadores do campo da política: José Antonio Spinelli e João Emanuel Evangelista. Lá continuei como bolsista de aperfeiçoamento destinada a alunos graduados e ali passei a fundamentar o tema para o projeto de mestrado.

O meu envolvimento com estes professores na iniciação científica e na bolsa de aperfeiçoamento foram fundamentais para a minha trajetória nas Ciências Sociais. Durante o processo de formação universitária na graduação e pós-graduação participei de eventos locais, regionais, nacionais, seminários, palestras, apresentei

resultados das pesquisas nos Congressos de Iniciação Científica na UFRN, nos Encontros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em vários lugares do país, na Semana de Humanidades da UFRN, e, em Congressos estudantis. Consequentemente, nesses espaços nasceu a temática de pesquisa para o Mestrado em Ciências Sociais na UFRN, dentro da perspectiva da sociologia e da educação.

Vale destacar ainda a minha participação no primeiro ano de Mestrado em 1996, como Pesquisadora/Coordenadora de equipe dos trabalhos de campo do Censo e Pesquisa Amostral nos Projetos de Assentamento de Reforma Agrária (INCRA), Sessão Rio Grande do Norte, no período de 29 de novembro a 08 de dezembro de 1996, parte integrante do Projeto INCRA/CRUB/Unb, trabalho com a coordenação geral do Prof. Aldenor Gomes. Durante 10 dias viajei para 10 municípios do Estado com mais 10 alunos de graduação para aplicar questionários junto a famílias de assentados rurais. Foi um período que me aproximou de lugares do Estado com realidade social, cultural e econômica diversas, e permitiu um olhar ampliado do campo de atuação do profissional das Ciências Sociais, no Rio Grande do Norte. Após a conclusão do Mestrado iniciei a carreira docente no Curso de Formação de Professores da Educação Básica (PROBÁSICA) vinculado ao Departamento de Educação, da UFRN. Esta prática permitia diálogos sobre as vivências de professores no cotidiano escolar dos municípios de Macau, Guamaré, Alto Rodrigues e Pendências no Rio Grande do Norte.

Em fevereiro de 2000 a fevereiro de 2003, atuei como professora substituta no Departamento de Educação da UFRN ministrando disciplinas em várias licenciaturas, ocasião de ampliação do capital cognitivo e cultural e de por em prática os conhecimentos acumulados sobre Educação, Estado e Sociedade e apreender conhecimentos sobre as teorias e práticas pedagógicas. Nos espaços de convivências com os alunos das licenciaturas na área de ciências humanas, naturais e de saúde nos diversos setores de aulas do Campus Central da UFRN, pude ensinar e aprender, aprender e ensinar, como defende Paulo Freire (1999) e debater a respeito dos desafios da educação básica pública e particular e sobre o

compromisso do profissional professor, licenciado com as mudanças educacionais. Foi um laboratório para a compreensão de que a construção do conhecimento pertinente acontece no diálogo entre as áreas dos conhecimentos e não na sua fragmentação, como defende Morin (2000).

Como docente substituta na UFRN, período que coincide com a gestão do Prof. Willington Germano frente à Pró-Reitoria de Extensão (1999-2003), apareceu a oportunidade de retornar à prática da extensão universitária, algo já experimentado na graduação e constatar o relevante papel da extensão universitária na formação do professor, do funcionário e do aluno numa perspectiva da compreensão de sua ação no processo de mudança social. Participei dos seguintes projetos e Programas: no Programa Alfabetização Solidária na UFRN vinculado a Pró-reitoria de Extensão (PROEX); Projeto Nacional de Alfabetização na Reforma Agrária (PRONERA); Projeto de Extensão Organização e Dinamização de Bibliotecas uma parceria com o Curso de Biblioteconomia; no Programa Trilhas Potiguares, institucionalizado na PROEX/UFRN ação desenvolvida em Serra do Mel/RN; Memória Fotográfica e Leituras da Educação Popular no Rio Grande do Norte desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação.

Diante desta exposição da minha trajetória de formação acadêmica na graduação, no mestrado e na docência na UFRN constato e vivencio a importância do ensino, da extensão e da pesquisa na formação universitária. Desse modo, se como docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte defendo a formação do sujeito cidadão pelo caminho da extensão universitária, sendo esta compreendida com uma forma de fazer universidade, é porque foi assim que me formei aprendendo que o ser sujeito de sua formação universitária ocorre a partir do diálogo estabelecido com as oportunidades surgidas na sua trajetória. E, é assim que vejo a formação dos sujeitos articulada à extensão universitária nas universidades como um diálogo entre o sujeito consigo e o mundo que o rodeia na composição de sua formação. Neste sentido, aposto na formação universitária numa perspectiva crítica, reflexiva, ativa, humana e alicerçada no diálogo

permanente com os diferentes saberes internos e externos à academia, fundamentais a uma formação alicerçada na dimensão da emancipação social de si e de outros sujeitos legítimos na sua convivência.

REVISTA INTER-LEGERE: Para elaborarmos as questões desta entrevista lemos sua dissertação de mestrado, sua tese de doutoramento e seu memorial de formação, e, nestes escritos, observamos que a senhora tem uma trajetória de vida, que poderíamos dizer de luta, para romper com as barreiras sociais. Podemos perceber também que a senhora é uma daquelas pessoas que acreditam na educação como uma das formas viáveis para emancipação social. Se estivermos corretos, o que a senhora diria às pessoas que não acreditam na educação como fator de mobilidade social?

GEOVÂNIA TOSCANO: Num país como o Brasil que em pleno século XXI, na denominada era do conhecimento e da tecnologia em escala planetária, que ainda está lutando para sair do elevado índice de analfabetismo, precisamos sim, acreditar na educação como um dos caminhos para a mobilidade social. Chamo à atenção para compreender isto não como fator determinante, pois um diploma de escolarização elevado não é uma credencial para o mercado de trabalho e nem tão pouco define a ascensão social. Contudo, penso que no contexto mundial e nacional marcado pelas desigualdades sociais, insegurança, crise ambiental, violência juvenil, ampliação do consumo, crise de pensamentos e de valores, um dos requisitos essencial para formação de profissionais, no caso da Universidade, responsável para a formação de vários profissionais para atuar em sociedade é proporcionar diferentes possibilidades para formação. Esta voltada fundamentalmente para o compromisso e responsabilidade na sua área de formação com a construção de uma sociedade com mais justiça social e justiça cognitiva. Neste sentido, é fundamental a noção de emancipação social associa-se a uma luta cotidiana pela transformação no aqui e no agora das realidades opressoras vivenciadas por grande parte de populações localizada em diferentes regiões, países, continentes no denominado mundo da globalização hegemônica.

A compreensão de uma formação conectada com os problemas do mundo associa-se a outros fatores que antecedem também a uma formação universitária e se liga a elas como, por exemplo: a história de vida das pessoas, sua formação escolar, apoio e base de valores familiares; as marcas dos professores na sua vida; atuação em espaços formativos para além da escola: grupo de jovens, partidos, associações, igrejas, sindicatos, projeto de formação em parceria com várias instituições e pessoas. Espaços em que as pessoas se formam com outras tantas pessoas e vão construindo perspectivas de uma formação humana e cidadã.

Após alguns anos de acumulação de conhecimentos compreendo a forma de minha atuação como docente atrelada a minha história: nascida em bairro periférico da Zona Sul de Natal, Nova Descoberta, filha de pai e mãe com escolarização incompleta no ensino fundamental, pratiquei os esportes atletismo e natação, com origem familiar na religião protestante, com vivências em grupo de jovem vinculado à igreja católica São Geraldo no bairro que residia, estudante de escola de ensino fundamental no bairro e ensino médio na Escola Técnica Federal em meados dos anos de 1980. Participei de vários espaços formativos não escolares: debates políticos, gincanas esportivas, encontros de juventudes entre outros momentos; ouvinte de festival de música na Praça cívica da UFRN. Isto tudo é parte do processo formativo da educação da pessoa.

Assim, posso dizer que tive uma trajetória de formação marcada pelo diálogo entre o saber científico, cultural, político e os saberes da tradição, os quais colaboraram para a construção de valores humanos dentre estes: o da amizade, do respeito, da solidariedade, da responsabilidade e do compromisso comigo e com os outros na construção de metas para a minha vida, pautados em um compromisso social.

Foi um período que hoje compreendo como um espaço de aceitação do outro como legítimo outro na convivência, como defende Maturana (2001) e de ampliação do capital cultural que diz respeito ao conhecimento das ciências, da cultura, dos conhecimentos gerais como explica Bourdieu (1974), adquiridos durante o processo de socialização. Tais conhecimentos apreendidos durante a

minha juventude foram fundamentais para a minha aprovação no vestibular, na UFRN e, conseqüentemente, para a minha mobilidade social via educação.

Desse modo, compreendo a minha formação indissociada dos percursos traçados e edificados na vida em família, com amigos em ação, na comunidade e nas escolas que estudei e trilhei os primeiros passos para escolher e ingressar através de vestibular no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFRN, em 1989. Daí advém, minha crença na educação como um dos meios para se atingir a emancipação social.

REVISTA INTER-LEGERE: O título principal de sua dissertação de mestrado: *A escolha dos escolhidos*, é intrigante e instigante ao mesmo tempo, demonstra uma imaginação sociológica criativa. O texto trata de vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, seu próprio espaço de formação, e tem uma inspiração histórica pontual desta instituição. Isto já nos permite dizer que o pesquisador poderia ser sujeito/objeto da empiria da pesquisa, pois viveu a experiência *in loco*. Poderíamos pensar este seu trabalho de dissertação como um trabalho que, em certo sentido, foi de autoconhecimento ou não? Por quê?

GEOVÂNIA TOSCANO: Sim, porque também sou sujeito daquilo que faço. Ao final da mencionada investigação percebi que escolhi e fui escolhida pela temática que investiguei. Lógico que aí tem contextos de identificação da temática (base de pesquisa, mudanças que eram debatidas no vestibular no período em que cursava a graduação, polêmicas em torno da entrada das questões subjetivas). Vale dizer também que cursei Edificações na ETRN e, algumas vezes, fui questionada por que estava no curso de Ciências Sociais e não em Arquitetura ou na Engenharia Civil, portanto, diziam: não tem nada a ver esta sua escolha.

Percebo que fui influenciada sim, pelo curso técnico e por isto o meu primeiro vestibular foi para Arquitetura e não fui aprovada. Somente no segundo vestibular ingressei em Ciências Sociais e percebo que escolhi e fui escolhida pelo curso, a partir da minha própria história e das oportunidades, que se apresentaram, das

escolhas que fiz durante as quais fui me apropriando de conhecimentos fundamentais ao ingresso na UFRN.

Como docente de Universidade pública atuando também em pesquisa e extensão reconheço que, tanto o trabalho de Mestrado, bem como a tese de doutorado são textos de autoconhecimento porque neles me encontro a todo o momento, na vida pessoal e profissional, nas Ciências Sociais, em conexão com leitura e ação em alguns dos problemas do mundo presente.

Daí, talvez, a justificativa pessoal de estar a três anos coordenando o projeto de extensão com juventude denominado “Abrindo Caminhos para a Universidade²” que objetiva colaborar para ampliação dos conhecimentos dos jovens de classes populares de Campo Grande/RN que buscam ingressar na Universidade. Nas ações desenvolvidas, neste projeto, me reencontro com a minha trajetória de formação como jovem moradora de bairro popular de Natal sonhando e construindo alicerces para ampliar meus horizontes de vida pelo caminho do conhecimento.

Desse modo, posso afirmar que não apenas meus trabalhos de pós-graduação, publicações de textos em revistas científicas, em congressos, em jornais, como também minha trajetória profissional no fazer universitário encaminham-me para um trabalho de auto-conhecimento com o sentido pensado por Boaventura de Sousa Santos. Além de está atuando e lutando pela conquista da legitimidade da Universidade pública em alguns municípios da região do Semi-árido Potiguar (Campo Grande, Apodi, Mossoró), pelo caminho da extensão e da pesquisa universitária, aproximando-me com outros profissionais da UERN, UFRN de realidades configuradas com desigualdades sociais, entretanto, repletas de experiências emergentes que sinalizam para possibilidades de conquista da emancipação social de sujeitos sejam mulheres, homens, jovens e crianças.

² Projeto inserido como Relato de Experiência nesta edição da Revista *INTER-LEGERE* e, recentemente aprovado no Edital Nacional de Extensão – PROEXT 2009-2010.

REVISTA INTER-LEGERE: Em seu trabalho de pesquisa do doutoramento a senhora demonstra que conviveu com grupos extensionistas de duas universidades públicas: a UFRN e a UFBA: o que a senhora observou nas duas experiências que transcende àquilo que é exigido pela ciência e envereda pelo que é emergente como condição do humano? Poderia nos contar?

GEOVÂNIA TOSCANO: Esta pergunta me fez agora sair de onde estou, respondendo esta entrevista em Mossoró/RN, localizado no Semi-árido do Nordeste brasileiro e rememorar a trajetória da pesquisa em Natal/RN e em Salvador/BA, participando de vários momentos das experiências investigadas, fotografando e realizando entrevistas nos espaços universitários, em bairros das cidades, em casas de alguns sujeitos selecionados para a investigação, em laboratórios das universidades, nas salas de aulas, em *Shopping Centers*, feiras livres, locais de trabalho etc. Tudo era agendado por telefone para definição em comum acordo com o dia e local para o diálogo sobre os Programas definidos para a investigação sobre extensão universitária na UFRN e na UFBA.

Em Natal investiguei os participantes do Programa Saúde e Cidadania (SACI) de Felipe Camarão e de Cidade Nova; na Bahia o Programa Atividade Curricular em Comunidade (ACC) os envolvidos em ações em Oitis, distrito de Subaúma, município de Esplanada/BA e Cruz da Mata, distrito do município do Conde/BA, ambos localizados no litoral Norte da Bahia.

Foram experiências de observação, ação, investigação com olhar atento, curioso, questionador e inquietante, significativamente indescritíveis para a minha formação profissional e como pessoa humana demasiadamente social, cultural e natural como defende Edgar Morin, ao falar sobre a nossa condição humana no mundo.

Verifiquei a partir das entrevistas com os sujeitos participantes dessas experiências extensionistas, bem como através de documentos que essas corroboram para a reflexão e questionamentos sobre o paradigma universitário da formação meramente profissional, afirmando a extensão universitária em sua

dimensão acadêmica, pois esta possibilita um fazer universitário que promove a religação dos saberes para a construção de um conhecimento pertinente, efetiva o diálogo dos sujeitos na construção de conhecimentos, pratica o respeito às diferenças e colabora na formação profissional numa dimensão cidadã, com responsabilidade e compromissos perante a sociedade.

Foi isto que observei como transcendente em sentido concreto paupável e realizável durante a pesquisa, e está dito e redito na Tese que conclui em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, inclusive com uma análise teórico/prática acurada das proposições levantadas.

REVISTA INTER-LEGERE: Há, em seus escritos, um estreito vínculo com o pensamento e as idéias do pensador português Boaventura de Sousa Santos; pela sua postura diante da profissão que abraçou e da vida, existe compatibilidade de visão de mundo entre ambos, pois, em muitos momentos, os dois caminham pela via da escrita, reafirmando que “um outro mundo é possível”, praticando o “abraço”, no sentido elaborado pela professora Maria da Conceição Almeida, da UFRN. A senhora poderia nos contar a história dessa vinculação nas leituras e produções acadêmicas produzidas pela senhora, nas quais se apropria coerente das teses de Santos para construir argumentos seus, defender seus pontos de vista, inclusive, para fundamentar sua concepção de extensão universitária?

GEOVÂNIA TOSCANO: A primeira aproximação com o pensamento de Boaventura de Sousa Santos se iniciou durante o Mestrado em Ciências Sociais quando cursava em 1995 a disciplina “Cultura e Política” ministrada pela Profa. Brasília Carlos Ferreira. Foi através do livro “Pela Mão de Alice” de Santos que nos capítulos “O social e o político na Transição Pós-Moderna” que trata da construção sócio-cultural do projeto de modernidade e a “ideia de universidade e a universidade de idéia” que aborda as crises da universidade na modernidade (hegemonia, legitimidade e institucional). Nestes textos assimilamos as interpretações do autor sobre a compreensão de modernidade, os seus pilares de sustentação do projeto de modernidade (de regulação e de emancipação), as

diferentes contradições e funções das universidades assumidas ao longo da trajetória histórica as quais se vinculam ao paradigma de modernidade e as teses do autor para se pensar uma universidade de ideias.

Estes conhecimentos do autor também colaboraram na ocasião do concurso para docente na UERN, quando fui sorteada para ministrar a aula sobre a temática “Modernidade e as ciências sociais”. E, ao ingressar como docente efetiva na referida instituição, passei a trabalhar com tais reflexões nas disciplinas e a acompanhar as novas produções deste autor que iam surgindo e sendo apresentadas nos contatos permanentes com a Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação na UFRN.

Iniciamos o doutorado e lá continuamos as nossas leituras e na Base de Pesquisa na UFRN surgiu o Grupo de Estudos BOA-VENTURA, em 2005 coordenado pela Profa. Vânia Gico e com vários estudantes da Pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado nas Ciências Sociais. A minha participação neste grupo foi fundamental para a ampliação dos conhecimentos das obras do autor nos encontros quinzenais que realizamos na Base de Pesquisa. Os encontros de estudos foram organizados numa perspectiva metodológica que apontasse para uma cronologia de publicação das obras do autor e, sobretudo, na lógica de construção teórica de seu pensamento. Neste sentido, fomos compreendendo durante os encontros elementos que promovem o diálogo entre a sociologia, a antropologia, história, geografia, a política e tantas outras áreas as quais o referido autor traz no conjunto de suas reflexões. Elencamos alguns temas tratados nas obras estudadas: interpretação sobre o projeto de modernidade, paradigma dominante da ciência e paradigma emergente da ciência, Universidade, globalização hegemônica, globalização contra-hegemônica, sistema mundial de transição, democracia, participação, direitos humanos, produção alternativas de sobrevivência de trabalhadores, conhecimentos da tradição, ecologia dos saberes e tantos outros, os quais de alguma forma estiveram presentes na construção da Tese de doutorado. Tais temas se fazem presentes na nossa produção bibliográfica publicadas em revistas e em eventos dentre os quais citamos:

Encontro de Ciências Sociais (2010), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Natal), Congresso Brasileiro de Extensão (Dourados/MS), Congresso Latino Americano de Extensão Universitária (Rio de Janeiro, Bogotá), Congresso Latino Americano de Ciências Sociais (Argentina) entre outros.

Neste caminhar de encontros de estudos fomos traçando o arcabouço teórico e metodológico para chegar até a elaboração do projeto e qualificação de doutorado sobre extensão universitária nas ciências sociais. Nas leituras realizadas foi fundamental o retorno ao sobre as crises da universidade na modernidade e assumirmos na nossa reflexão uma das teses de Santos (1996, p. 225) quando nos diz: [...] A “abertura ao outro” é o sentido profundo da democratização da universidade, uma democratização que vai muito além da democratização do acesso à universidade e da permanência nesta. [...] A legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino.[....]

Ora, ali fundamentamos a nossa compreensão de que a universidade moderna precisa refletir sobre produção de conhecimentos que possam ser amplamente socializados, trabalhando em processos de democratização dos saberes de outras formas e não somente pelo acesso. Esta temática do acesso ao ensino superior foi o nosso tema no mestrado e quando concluímos a nossa investigação constatamos que é necessário a universidade ser vista não somente como formadora de profissionais (ensino) para atuar no mundo, mas que ela precisa realizar pesquisa no sentido da construção de conhecimentos prudentes e realizar a extensão universitária como uma forma de praticar o diálogo com diferentes saberes, confrontar os conhecimentos sistematizados internamente e construir conhecimentos em sintonia com as problemáticas do mundo presente, como postula Santos (2004) ao refletir sobre a missão da universidade agindo numa globalização alternativa/contra-hegemônica.

Entretanto, será necessário contrariar o modelo tradicional de formação universitária criando no dizer de Santos (1996) comunidades interpretativas e

argumentativas que possam pressionar constantemente as barreiras disciplinares que persistem nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação. Para tal, se faz urgente, o diálogo de professores, alunos, funcionários atuantes nas diferentes áreas dos saberes que comunguem com a formação universitária cidadã e, em sintonia, com as problemáticas no presente que requerem uma atuação em parceria, colaboração para seu enfrentamento e superação.

Finalmente, digo aos leitores desta entrevista, que na minha trajetória como docente universitária em Mossoró/RN, no Nordeste brasileiro, onde busco trabalhar na dimensão da educação para a transformação amplamente debatida pelo então nordestino internacional Paulo Freire, exercito a aposta e o abraço pelo caminho da extensão universitária da idéia da universidade colaborando na construção de uma cidade, de um Estado e de um país como nos afirma Santos (2004) em “A universidade para o século XXI”. Ela pode sim se internamente um grupo de professores, alunos, gestores, funcionários reconquistar a sua legitimidade perante a sociedade, ao estabelecer parcerias com diferentes setores externos e sujeitos interessados na construção de um outro mundo possível e assim ser o *locus* para a construção de uma ciência nova, de uma outra Ciência Social, de uma ciência do direito com foco efetivamente na justiça social e finalmente colaborar com os sujeitos na conquista de sua emancipação social.

Talvez para alguns ou para muitos seja uma prática de pensamento ainda marginal no Brasil do século XXI , a defesa da extensão universitária, mas posso afirmar que cresce esta idéia de universidade também aqui nos espaços acadêmicos da UERN no Grupo do Pensamento Complexo, institucionalizado nas Ciências Sociais coordenado pelo Prof. Dr. Ailton Siqueira e por mim. Neste grupo exercitamos a formação constante na presença de alunos, professores de diferentes cursos, promovemos encontros para estudar, pesquisar, escrever artigos, assistir filmes, estimular a participação em congressos científicos, realizamos extensão universitária, eventos, orientamos trabalhos científicos de alunos de diferentes cursos, escrevemos artigos para revistas, para jornais entre outras atividades. Assim, acredito que continuamos por aqui no “país de Mossoró”

vivenciando em coletividade a nossa formação com a meta sempre de “abrir janelas para o mundo”....